



FACULDADE
FESP
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



LINGUAGEM; MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E A ORIGEM POLONESA: ESPAÇOS DE INTERPRETAÇÃO EM QUE SE CRUZAM CULTURA E IDENTIDADE NA REGIÃO DE SOCAVÃO NO PARANÁ

Regina Aparecida Milléo de Paula¹
Walmir King Junior²

Resumo: O presente artigo pretende descrever e interpretar os efeitos de sentido que se configuram quando a comunidade de descendentes poloneses residentes no distrito do Socavão (núcleo rural da cidade de Castro, Paraná) continua (re)produzindo sentidos constitutivos da cultura europeia materialmente marcados na comida, na religiosidade, na arquitetura. Sentidos estes que podem ser lidos e interpretados e que passam a ser identificados pela/na comunidade hegemônica como produtos de manifestação cultural. Optando-se por uma abordagem discursiva, mais especificamente ancorando-se nos pressupostos teóricos da Análise do discurso de linha francesa a qual tem Pêcheux (1967) na França como seu precursor e Orlandi (1980) no Brasil, não pretende-se abordar apenas enquanto forma a: a língua; a religiosidade; a arquitetura e a comida que são caracterizadas como tendo origem polonesa, mas o discurso, e os efeitos de sentido e os sujeitos que circulam neste discurso.

Palavras-chave: Análise do discurso. Efeitos de sentido. Linguagem. Interpretação. Manifestações culturais polonesas.

LANGUAGE; EVENTS CULTURAL AND POLISH ORIGIN: SPACES OF INTERPRETATION IN THAT CROSS CULTURE AND IDENTITY IN SOCAVÃO DISTRICT IN PARANÁ

Abstract: This article wish to describe and interpret the outcome of meaning that are configured when the community of Polish descendents living in

¹ Doutora em Ciências da Linguagem (UNISUL), doutorado realizado com Bolsa PROSUP/CAPES. Mestre em Ciências da Linguagem (UNISUL). Especialista em EAD: Tutoria, Metodologia e Aprendizagem (FAEL/EADCON). Licenciada em Letras Português Inglês (UEPG). Professora do Curso de Letras - Habilitação Plena em Português/Inglês e Respectivas Literaturas; do Curso de Tecnologia em Gestão de Produção Industrial; do Curso de Jornalismo e do Curso de Pedagogia da Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda (SECAL). E-mail: reginamilleo@yahoo.com.br.

² Graduando em Letras - Habilitação Plena em Português/Inglês e Respectivas Literaturas da Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda (SECAL). E-mail: walmir_king@hotmail.com.



Socavão district (rural center of the city of Castro, Paraná) continues reproducing constitutive sense of European culture materially marked in food, though religion, architecture. These senses that can be read and interpreted and which are now identified by / on hegemonic community as a cultural manifestation of products. Opting for a discursive approach, more specifically anchoring the theoretical assumptions of the French line of discourse analysis which has Pêcheux (1967) in France as its precursor and Orlandi (1980) in Brazil, it isn't intended to address just as so: the language; religiousness; architecture and food which are characterized as having Polish origin, but the speech, and the effects of meaning and subject circulating in this speech.

Keywords: Speeches analysis. Sensed outcome. Interpretation. Language. Cultural manifestations polish.

Sumário: 1. Introdução – 2. Fundamentação teórica: 2.1 A análise do discurso: 2.1.1 Sujeito e discurso – Discurso e Texto; 2.1.2 O interdiscurso, a memória e o arquivo; 2.1.3 Sujeito e discurso; 2.1.4 A cultura neste estudo; 2.1.5 Condições de produção do discurso – 3. A colonização polonesa nos Campos Gerais - breve histórico: 3.1 A região de Socavão e a colonização polonesa; 3.2 Manifestações culturais e a origem polonesa: 3.2.1 Constituição do corpus: 3.2.1.1 A língua; 3.2.1.2 A religiosidade; 3.2.1.3 A alimentação – comida e pratos; 3.2.1.4 A arquitetura – 4. Análise – o processo de produção do sentido e do sujeito na relação em cada um dos materiais tomados para a constituição do corpus – 5. Considerações Finais.

INTRODUÇÃO

Este estudo ancorado nos pressupostos teóricos da Análise do discurso de linha francesa a qual tem Pêcheux, na França em 1967, como seu precursor e Orlandi, nos anos 80 do século XX, no Brasil, a possibilidade de reflexão sobre uma memória que me constitui já que sou descendente de poloneses.

Assim como, tem-se como justificativa a possibilidade de compreensão e aprofundamento teórico acerca da linguagem e do processo de produção do sentido e do sujeito na relação em cada um dos materiais tomados para a constituição do corpus: a língua; a religiosidade; a arquitetura e a comida. Linguagens estas tão frequentemente presentes nas comunidades e conseqüentemente nas escolas localizadas na região dos Campos Gerais do Paraná nas quais o professor de Língua Portuguesa atua.



A memória, nesta reflexão, é o interdiscurso, a memória do dizer e sobre o qual não temos controle. O que já foi dito sobre determinado assunto e que ao longo do uso esquecemos, fica um já dito onde os sentidos se constroem. Como se os sentidos constituídos em outros dizeres fossem transparentes para o sujeito, para nós sujeitos, como se outros dizeres não nos afetassem com a historicidade que os envolvem. As nossas palavras são historicamente determinadas, mas temos a ilusão de que os sentidos nascem em nós.

Assim pensando estuda-se e reflete-se a respeito da linguagem; manifestações culturais e a origem polonesa lendo-os e interpretando-os como espaços de interpretação em que se cruzam cultura e identidade na região de Socavão no Paraná. Quando Pêcheux coloca estas questões em “Ler o arquivo hoje”³ ele salienta a importância de refletir acerca da “leitura-escritura do arquivo, sob diferentes modalidades ideológicas e culturais, contra tudo o que tende a apagar este trabalho”, ou seja, esta compreensão torna possível ao sujeito analista do discurso manter-se crítico em relação ao arquivo.

Michel Pêcheux⁴, neste texto, se propõe a refletir sobre a noção de arquivo, e a partir desta noção “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” refletir sobre a leitura deste campo, sobre os modos de leitura deste arquivo pelo sujeito, neste caso constituído da leitura/descrição/interpretação das manifestações culturais marcadamente carregadas dos sentidos produzidos pelo sujeito imigrante polonês.

Inicialmente temos a fundamentação teórica de que levou a este artigo, interpretação da comunidade de descendentes poloneses que vivem em Socavão, a análise do discurso tanto no social quanto no histórico, sujeito e discurso e discurso e texto estes que ainda produzem sentido na comunidade. O interdiscurso e memória e arquivo que é interpretado pelo sentido lido do sujeito que é tecido no texto, o sujeito e o discurso que ainda produz um sentido, a cultura neste estudo, a condições de produção do discurso. Viajamos

³ PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (Org.) Gestos de leitura. Campinas, SP: editora da Unicamp, 1997.

⁴ Ibid.



também na história da imigração polonesa a colonização polonesa nos Campos Gerais, a colonização polonesa em Socavão, as manifestações da cultura, a constituição do corpus à língua, à comida, à arquitetura e as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho apresenta um estudo sobre a constituição do sujeito imigrante proveniente da Polônia e seus descendentes que se fixaram na região de Socavão distrito de Castro no estado do Paraná, acredita-se ser possível descrever e interpretar os efeitos de sentido que transitam e constituem discursos que se materializam nas manifestações culturais da comunidade de descendentes poloneses residentes em Socavão. Estes continuam produzindo sentidos construtivos da cultura europeia materialmente marcada na língua, na comida, na religiosidade e na arquitetura. Sentidos estes que podem ser lidos e interpretados e que passam a ser identificados pela comunidade hegemônica (os que se denominam/se interpretam “brasileiros nativos”) como produtos de manifestações culturais.

Optando-se por uma abordagem discursiva, não pretende-se abordar apenas enquanto forma a: a língua; a religiosidade; a arquitetura e a comida que são caracterizadas como tendo origem polonesa, mas o discurso, e os efeitos de sentido e os sujeitos que circulam neste discurso.

Que vai formular a relação significativa elaborada entre os dois dispositivos que resultará, em primeiro tempo, na captação do objeto característico, o discurso, submetido à análise, e em um segundo tempo, em tornar visível para o leitor o movimento da compreensão do analista e, em decorrência, a sua própria posição na interpretação.⁵

⁵ ORLANDI, Eni. Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008, p. 49.



Devem ser evitadas divagações, A partir do dispositivo teórico e analítico é que levantamos algumas questões que passam a integrar este estudo; Quais os sentidos de nação são mobilizados no contexto histórico da imigração polonesa? Quais e como as várias formações discursivas determinam a construção da memória do sujeito imigrante e seu descendente? Quais as relações entre língua e memória no que tange a sua permanência e ao seu esquecimento? Como a língua silenciada é encontrada; como se podem perceber, hoje, no discurso do descendente do imigrante polonês, as marcas dessa memória?

É no transitar desses questionamentos do trabalho da memória e dos esquecimentos e das relações com o discurso, que refletiremos sobre as questões acima enunciadas, mesmo sabendo, como diz Pêcheux⁶, que o funcionamento da memória x esquecimentos é indomável.

A ANÁLISE DO DISCURSO

A leitura e a interpretação são estratégias para se compreender um discurso não se trata apenas utilizarmos a significação, mas sim entendermos o significado de cada uma das proposições produzidas pelo sujeito. Fazer uso da análise para que se possa fugir do que se julga “algo real e verdadeiro”, as relações que os sentidos estabelecem é que podem ser consideradas “marcas reais”, o real lido aqui com o que pode ser interpretado como um sentido e não outro. Sem tentar-se saber o real significado; sem observar quem produziu estas “verdades”, ou qual seu sentido “destas verdades” para este sujeito. Desta forma, língua e discurso se juntam porque, a língua, é um sistema que permite servir-se à leitura e interpretação do discurso.

Constituindo-se no entremeio entre a lingüística e as ciências sociais, a análise do discurso desloca a dicotomia entre língua e fala e propõe uma conexão não dicotômica entre língua e

⁶ PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (Org.) Gestos de leitura. Campinas, SP: editora da Unicamp, 1997.

discurso [...]. Ao deslocar, não dicotomizando, para a relação língua e discurso, o discurso desta vez é o sujeito à análise de seu funcionamento.⁷

A análise do discurso constitui-se na tríade entre Linguística, Psicanálise e Marxismo, tríade em que estas áreas articulam-se, articulação que leva a uma discussão em que não se analisa ser real o sentido dito ou verdadeiro e sim, pensá-lo como simbólico assim como esse simbólico afetar e ser afetado pelos valores históricos. Esta dimensão simbólica da linguagem, esta dimensão de efeito de sentido produzido na interação entre sujeitos se propõem descobrir e abordar interpretações possíveis, assim, parte de um objeto: o discurso.

A análise do discurso, trabalhando na confluência desses campos de conhecimento, irrompe em suas fronteiras e produz um novo recorde de disciplinas, constituindo um novo objeto que vai afetar de mesmo modo o conhecimento e em seu conjunto: este novo objeto é o discurso.⁸

Descrever e interpretar o discurso e pensá-lo enquanto inscrito tanto no social quanto no histórico, pensar esta articulação e no mecanismo que a constitui nos leva a interagir e nos aprofundar para descobrirmos os sentidos que brotam e reverberam de uma determinada materialidade: um texto para que possa-se compreender que interpretações o tecem, teceram e o tecerão; produzem, produziram e o produzirão.

SUJEITO E DISCURSO – DISCURSO E TEXTO

⁷ ORLANDI, Eni. Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 13.

⁸ ORLANDI, Eni. Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 20.

Discurso é um efeito de sentido produzido na e pela interação, pesquisado e visto não apenas simbolicamente, mas materialmente construído, desta forma possível de ser interpretado, lido, descrito.

Dizer que o discurso é efeito entre locutores significa deslocar a análise de discurso do terreno de linguagem como instrumento de comunicação [...]. Não há essa relação linear entre enunciador e destinatário [...]. Dai dizermos que na análise de discurso não podemos deixar de relacionar a fala com suas classes de cultura, sua exterioridade.⁹

Texto é unidade significativa produto do processo de interação, no processo de produção do discurso. Nele, são contidos fatos/marcas que fazem/produzem sentido, deste modo essas podem ser analisadas. O texto fornece estas marcas, o material bruto para essa análise, para se chegar ao processo discursivo. Conforme pode-se ler nas enunciações de Orlandi:

A análise de discurso tem como unidade o texto. O texto não visto como na análise de conteúdo, em que se o atravessa encontrar atrás dele um sentido mas discursivamente, enquanto o texto constitui discurso, sua materialidade... Pensar o texto em seu funcionamento é pensá-lo em relação às suas condições de produção, é ligá-lo a sua exterioridade. Está ligação, no entanto, não coloca o texto como um documento no qual veríamos ilustrados os sentidos já constituídos em outro lugar.¹⁰

Para Gregolin,

[...] esse triplo assentamento traz conseqüências teóricas: a forma material do discurso é lingüístico-histórica, enraizada na História para produzir sentido; a forma sujeito do discurso é ideológica, assujeitada, não psicológica, não empírica; na ordem do discurso há o sujeito na língua e na História.¹¹

A forma-sujeito possui diversas posições de sujeito:

[...] podemos ver (ler) suas diferentes filiações de sentidos remetendo-as a memórias e a circunstâncias que mostram que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na

⁹ Ibid., p. 14-15.

¹⁰ ORLANDI, Eni. Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 16.

¹¹ GREGOLIN, Maria de Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). Análise do Discurso: as materialidades do sentido. São Paulo: Claraluz, 2001.

relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos.¹²

A ideologia é construída e produzida na e pela interpretação do sujeito, linguagem e ideologia constituem-se e são constituídas no e pelo sujeito, processo que articula o simbólico e histórico. Como diz M. Pêcheux¹³, não podemos pensar o sujeito como origem de si ou como produtor, criador de sentidos “originais”.

O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.¹⁴

Percebemos que o sujeito sempre será sujeito desde que produza interpretação. A evidência do sujeito como único, camufla o ato de que o sujeito é desde sempre “um indivíduo interpelado em sujeito ao considerar-se como único, insubstituível e idêntico a si mesmo quando diz: “Sou eu”. A evidência da identidade oculta que esta resulta de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem estranha é, contudo, estranhamente familiar”¹⁵.

É a ideologia que situa os conceitos que devem ser atribuídos a tal ou tal coisa. É a ideologia que coloca evidências fazendo com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que camuflam assim, sob a forma de “transparência da linguagem, aquilo que Pêcheux chama de o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados”¹⁶.

O INTERDISCURSO, A MEMÓRIA E O ARQUIVO

¹² ORLANDI, Eni. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 5 ed., Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 29-30.

¹³ PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

¹⁴ *Op. cit.*, 2002, p. 20.

¹⁵ PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (Org.) Gestos de leitura. Campinas, SP: editora da Unicamp, 1997, p. 155.

¹⁶ *Ibid.*, p. 160.

Como diz M. Pêcheux¹⁷ o sentido de uma palavra, uma expressão, de uma preposição não existe em si mesmo (isto é uma relação transparente com a literalidade). Observamos que o sentido de cada palavra a expressão que é identificada de acordo com o sentido lido e interpretado pelo sujeito a partir do que é tecido no texto.

Assim, o autor salienta que a leitura, a interpretação, a produção de sentido dependerá da posição, da referência, da inscrição em que este sujeito está submetido, isto é, da formação discursiva que envolve este sujeito, ou seja, este sujeito é envolvido por impressões de ordem social, histórica e políticas que são necessárias para a constituição do discurso.

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.).¹⁸

É o que nos leva a retornar a Pêcheux¹⁹ “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos designa exatamente que o “não sujeito” é interpelado-constituído em sujeito pela ideologia”. Esta interpelação configura-se no Interdiscurso, ele quem vai determina a formação discursiva, dar a forma à formação discursiva em que o sujeito é formado por tudo que já foi dito com aparente autonomia.

O interdiscurso determina a formação discursiva. E o próprio da formação discursiva é dissimular na transparência do sentido, a objetividade matéria contraditória do interdiscurso que determina [...]. Podemos, pois, pensando o funcionamento das formações discursivas e do interdiscurso, compreender o funcionamento da ideologia na constituição do sujeito e do sentido.²⁰

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid., p. 147.

¹⁹ Ibid., p. 141.

²⁰ ORLANDI, Eni. Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 18.

Na análise de discurso encontramos formas de esquecimento que são de acordo com Orlandi²¹ de duas ordens e são denominadas de esquecimento número 1 e 2. O esquecimento número 1 também conhecido como esquecimento ideológico e o esquecimento número 2 é da ordem da formulação.

O esquecimento número 1 é chamado esquecimento ideológico e é inconsciente, e é da ordem de constituição do sujeito e do sentido. O esquecimento número 2 é da ordem da formulação, ao longo de seu dizer vão se formando famílias parafrásticas de tudo aquilo que ele podia dizer, mas não disse [...]. Esse esquecimento pode ser chamado de esquecimento enunciativo.²²

O que entendemos por memória discursiva é que deve ser trabalhada pela noção de interdiscurso, aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Conforme o pensamento de Courtine citado por Orlandi²³ pode-se dividi-la em dois eixos: o vertical que é o da constituição e o da formulação é o horizontal. O interdiscurso também pode ser chamado de memória do discurso. De acordo com a perspectiva discursiva, somos condenados a interpretar, e os sentidos que determinam esta interpretação não são possíveis de controle pelo o sujeito. Os acessos a sentidos outros envolvem o sujeito, assim, o sujeito interpreta sendo interpelado por interpretações já produzidas.

Desta forma, as manifestações culturais de origem polonesa escolhidas/selecionadas podem ser consideradas unidade de análise afetadas pelas condições de produção, materiais históricas analisadas como documentos textualizados: “lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico, ele é objeto de interpretação”²⁴.

²¹ Ibid..

²² Ibid., p. 21.

²³ Ibid.

²⁴ ORLANDI, Eni. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 5 ed., Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2002, p. 72.

Assim, uma noção indispensável nesta discussão é o que Orlandi²⁵ enuncia: “Todo dizer se acompanha de um dizer já dito e esquecido que o constitui em sua memória, forma do pré-construído.”²⁶

Desta maneira, interessa ao presente estudo a articulação entre memória e esquecimento.

SUJEITO E DISCURSO

A Análise do Discurso constitui-se em uma proposta de interpretação:

[...] na análise de discurso, a linguagem não é transparente, e interpretar não é atribuir sentido, mas expor-se à opacidade do texto, ou seja, explicitar como um objeto simbólico produz sentidos.²⁷

Então, quando se menciona interpretação do sentido, é necessário ressaltar que

[...] não se trata de interpretar o sentido de uma perspectiva individualizada, adâmica, isolada, o que seria caótico e sem condições de interpretação (e muito menos de generalização), mas sim de se ter como parâmetro para classificação, conceituação e reflexão, as condições de produção do sentido, que nunca são desvinculadas de formações discursivas específicas reconhecíveis, com materialidade histórica.²⁸

Esta teoria concentra-se nas formações discursivas, estas determinam o sentido. Oportunizando, dentre as concepções discursivas que cruzam o emitido, a que individualiza um discurso, ou seja, a que é dominante sobre as demais formações discursivas, em que se inscreve (e se produz) o sujeito.

²⁵ ORLANDI, Eni. Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006, p. 22.

²⁶ Ibid., p. 22.

²⁷ Ibid., p. 24.

²⁸ GALLO, Solange Leda. Como o texto se produz: Uma perspectiva discursiva. Blumenau: Nova Letra, 2008.

A CULTURA NESTE ESTUDO

No presente artigo,

Entendemos que seja fundamental, portanto, compreender a cultura não como um espaço de registros inertes – em que o papel do sujeito se restringe ao reconhecimento e à aceitação -, mas como um lugar de interpretação. Assim compreendida a cultura, seu estudo se torna, no ensino-aprendizagem de segunda língua, um momento propício de promoção de deslocamentos, capazes de possibilitar que o aprendiz venha a pensar nos processos discursivos produzidos na língua do outro e no modo como nesses discursos os sentidos são produzidos. Passa-se, assim, do simples registro de um imaginário sobre o outro para o questionamento de sua cristalização; imaginário que, por vezes, em seu espaço de origem, já está afetado por um trabalho de desconstrução.²⁹

Assim quando aborda-se o termo cultura neste artigo, utiliza-se como um tecido que permeia e é permeado pelos aspectos sociais, políticos do grupo envolvido. Mas, que não restringe a sua compreensão, a sua interpretação.

Neste entendimento, o conceito que se serve ao presente estudo é o que considera cultura como “prática política, signo de identidade, espaço de construção de uma subjetividade social”³⁰, prática em que tem-se e se estabelecem as relações entre sujeito, língua, memória.

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Na AD, o que se pode analisar são os conceitos textualizados em algumas condições, denominadas de condições de sentidos, isto é, no tempo dessa enunciação o sujeito é envolvido nas suas ações sociais, históricas, ideológicas e não apenas no âmbito de sua enunciação.

²⁹ DE NARDI. Fabiele Stockmans. Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso). Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2007, p. 54.

³⁰ Ibid. p. 65.

Tem-se, assim sendo, o envolvimento que as exterioridades sociais têm relação com o contexto de enunciação. Contexto este que no presente projeto oportuniza tornar analisáveis as memórias textualizadas.

A materialidade das condições de produção abordadas nos capítulos subsequentes dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo instante, a resistência produzisse indivíduos compõe outras maneiras que vão consolidar outros espaços, desta forma, as manifestações culturais marcadamente carregadas dos sentidos produzidos pelo sujeito imigrante polonês como corpus de análise; manifestações lidas e interpretadas que possibilitam perceber que as razões não estão apenas nas expressões orais, nos documentos textualizados, mas na relação com tudo ao seu redor, nas maneiras em que eles são feitos e que não dependem apenas das intenções dos sujeitos e sim, das condições de produção.

A primeira coisa que podemos dizer a respeito do método da análise do discurso, conforme proposta por Michel Pêcheux, é que o exercício de leitura, interpretação e análise é também um exercício de formulação. Isso porque não há uma lista de procedimentos a serem reproduzidos na observação de um objeto previamente separado para ser submetido à análise, como acontece em outros modelos científicos. Uma vez que nosso objeto é a linguagem, definimos que essa linguagem é matéria componente de textos já produzidos no momento da análise e, por esse motivo, podem funcionar como objeto analítico. Esses textos, por sua vez, podem ser verbais ou não. Podem, portanto, ser sonoros, audiovisuais, imagéticos, etc. Também podemos pensar em diferentes materialidades compondo um mesmo texto. Enfim, as combinações de materialidades são ilimitadas. A exigência é que sejam textos já produzidos, pois o objetivo da análise será relacionar esse(s) texto(s) à(s) sua(s) condições de produção. Isso torna necessário que o analista conheça essas condições, sem o que não é possível fazer a análise. Portanto, um dos procedimentos de pesquisa e análise é o de conhecer as condições de produção dos textos que serão analisados.³¹

³¹ GALLO, Solange Leda; NECKEL, N. – Análise fílmica a partir da análise do discurso. In. MARMO, Alena Rizi e LAMAS, Nadja de Carvalho (orgs.). Investigações sobre arte, cultura, educação e memória. Joinville, SC: Editora Univille, 2010.

As condições de produção dos sentidos que fazem perceber a busca do sujeito morador do distrito de Socavão por uma identificação com certos sentidos das formações imaginárias das manifestações culturais trazidas para o Brasil pelo sujeito imigrante polonês.

A COLONIZAÇÃO POLONESA NOS CAMPOS GERAIS - BREVE HISTÓRICO

A colonização polonesa no Paraná segundo Vieira³² coloca como o pioneiro na imigração polonesa o Senhor Edmundo Saporski que em 1871 fundou o Pilarzinho, hoje um bairro de Curitiba, assim outros núcleos foram sucedendo como Rio dos Patos (1896), Araucária, Guaragi, São Mateus, Reserva, Rio Negro, Palmeira, Ipiranga, São José dos Pinhais, Rio Azul, Irati, Ponta Grossa, Tamandaré, União da Vitória, Castro e Ivaí, muitas foram às dificuldades encontradas pelos imigrantes poloneses, porém a principal foi se adaptar na sua nova terra de adoção.

Mesmo tendo uma penosa adaptação os imigrantes poloneses no Estado do Paraná, viram novas expectativas de trabalho em contra partida o país precisava de mão de obra, os grandes produtores de café e os precursores industriais viram nesses imigrantes a esperança de novos trabalhadores, tendo em vista que precisavam urgentemente substituir a mão de obra escrava, o Império começa a estimular a imigração principalmente os vindos da Europa.

Com isso vieram os povos eslavos (poloneses, ucranianos, russos), além de alemães, ingleses, romenos, holandeses, italianos e entre outros. Esses povos eslavos em sua maioria escolheu o sul do Brasil para se fixar.

³² VIEIRA, Márcia Zan. Ecos da colonização polonesa. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 1998.

Segundo Wachowicz³³ pesquisador da Universidade Estadual do Paraná, em 1890 a 1920 os poloneses se instalaram como pequenos agricultores no estado, em decorrência do grande número de pessoas de tal origem, o estado do Paraná é onde existe a maior relevância cultural desses imigrantes.

Quando a imigração polaca começou no Brasil, não existia o Estado Polaco, somente a nação. A Polônia, após ter sido um dos maiores países europeus nos séculos XVI e XVII, foi invadida no século dezoito pelos seus três vizinhos, Rússia, Áustria e Prússia.³⁴

Do ano de 1894 a 1934, ainda segundo Wachowicz³⁵ teriam entrado no Paraná mais de 78 mil indivíduos dessa procedência eslava, sendo que 55 mil poloneses e 23 mil ucranianos, o número ainda é bem maior, mas de maneira alguma pode alterar o aspecto luso-brasileiro, esses imigrantes se instalaram na região de Curitiba e Campos Gerais.

Ainda acerca dos imigrantes poloneses, Wachowicz³⁶ em seu livro A História do Paraná afirma que os imigrantes dessa procedência, dotados de um profundo sentimento religioso, católicos por excelência, não demoraram a integrar plenamente na vida nacionais, como lavradores, comerciantes ou profissionais liberais. Profunda foi a sua influência na caracterização étnica da região sul do país, onde formaram grandes e numerosas colônias.

Também situado o Paraná como o Estado brasileiro mais prestigiado pelos imigrantes, Wachowicz nos passa a seguinte informação: O Paraná é o maior laboratório étnico do Brasil e quiça do mundo”.³⁷

³³ WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. Curitiba: Ed. dos Professores, 1967.

³⁴ IAROCINSKI, U. Porque Polaco!. In: Projeções: Revista de estudos polonobrasileiros. – Ano 5, n°2 (2003). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003, p. 64.

³⁵ WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. Curitiba: Ed. dos Professores, 1967.

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid., p. 31.

Naturalmente, que após a segunda guerra, outras levas de poloneses vieram aqui morar, junto às demais etnias que aqui viviam, isso durou até o ano de 1970 segundo registros históricos do Arquivo Público do Paraná.

A REGIÃO DE SOCAVÃO E A COLONIZAÇÃO POLONESA

O Distrito do Socavão é um dos principais núcleos rurais da cidade de Castro, existem documentos datados de 1854 que mencionam Socavão, mas é em 04 de abril de 19011, segundo uma Lei Estadual, que fica legalmente criado o Distrito de Socavão da cidade de Castro, Paraná. Situado, aproximadamente, a 40 km de Castro e cerca de 120 km de Curitiba.

Nos registros atuais, isto é, no Censo de 2010, atesta-se uma população de 7.000 habitantes, possui atrativos turísticos além das belezas naturais como cavernas e grutas de estalactites e estalagmites cuja a formação predominante é o calcário entre elas estão a Gruta da Caveira, Arco da Pedra, Gruta do Pinheiro Seco, Gruta Lagoa dos Alves e Castelo da Montanha. Possui como atividade econômica ecoturismo e o turismo rural além da agricultura e pecuária. Sendo um importante ponto turístico do Município e região, existe na localidade alguns dos principais Quilombolas do Estado.

Em 1940, o então interventor do Paraná Manoel Ribas doou algumas áreas do Distrito de Socavão para algumas famílias polonesas que vieram fugidos da Segunda Guerra Mundial, na localidade de Água Sumida, uma área de difícil acesso, nessa região foi colocada cinco famílias oriundas da Polônia são elas: Jan e Maria Kaboski e os filhos Terechuka(14), Pedro(12), Carolina (09) e Francisco(07); Stephan e Jadoviga Kachaneski e os filhos José(15) e Ludka (13); Wladislau e Tecla Kalicz e os filhos Elka (10) e Aron (08); Thomaz e Brusnilava Nisgoski e os filhos Anna (16), Jan(13) e Jozef (09); Petrus e Sofia Platchun Zabroski e os filhos Stephanina (14) e Krzyztof (11), totalizando 23 pessoas, que ali deram início a sua nova colônia polonesa no Brasil.

Nos dias de hoje ainda é possível encontrar vários descendentes desses primeiros imigrantes oriundos da Polônia residindo nas mesmas terras que a



cerca de setenta e cinco anos atrás foram dadas para seus ancestrais. Além de vários descendentes dessa linhagem, que vivem nas regiões da Princesa dos Campos Gerais.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E A ORIGEM POLONESA

Pensar a cultura no sentido amplo o qual abarca todo fazer humano que pode ser transmitido de geração a geração, soma de todas as realizações humanas que corresponde à herança social, ou seja, os conhecimentos transmitidos oralmente de pais a filhos a cultura assim entendida, como um conjunto de ideias, conhecimentos, técnicas, instrumentos, padrões de comportamento e de atitudes que caracterizam um grupo humano.

A tradição polonesa está presente não somente na língua, na gastronomia, na arquitetura, nas expressões artístico-culturais, mas também na forma religiosa, ou seja, pensar a cultura na perspectiva discursiva prática política, marca de identidade, prática em que tem-se e se estabelecem as relações entre sujeito, língua, memória.

[...] uma reflexão sobre a noção de cultura com vistas a destacar a importância de desnaturalizar esse conceito (assim como o de língua), colocando-nos diante de suas fissuras. Ainda que brevemente, discutimos a abrangência do termo cultura e as contradições que o envolvem. Passamos, assim, pelas relações de poder implicadas na construção desse conceito e pelo entrecruzamento de cultura e política.³⁸

A comunidade da Colônia Água Sumida em Socavão passou a viver utilizando duas línguas: a materna polonesa e a segunda língua: a língua portuguesa, segundo depoimentos emocionados de pessoas idosas que conheceram a criação e desenvolvimento da comunidade. Os moradores

³⁸ DE NARDI. Fabiele Stockmans. Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso). Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2007, p. 14.

falavam o polonês; mas quando precisavam ir para a cidade e com o convívio de alguns brasileiros, passaram a falar em português. Poucos eram os que sabiam e aprendiam rapidamente o português, pois se tratavam na grande maioria de trabalhadores rurais.

Muitos se perguntavam como viveriam sem falar o português, muitos artifícios foram utilizados pelos imigrantes e descendentes para driblar essa necessidade. Durante o período de guerra, muitos poloneses temiam por sua vida ao se comunicar com outras pessoas e com isso se esforçavam para aprender o português e os pequenos já começavam a ser inseridos na língua portuguesa.

A partir daí, muitas foram as modificações sociais, especialmente, no uso da fala, construíram uma mistura harmoniosa entre a língua polonesa e a língua portuguesa, passou-se a uma convivência dividida entre espaços e acontecimentos sociais e particulares, entre a família, na Igreja e amigos da colônia se falava polonês porém longe das crianças, pois a ideia era que eles apenas tivessem contato com a língua portuguesa e quando tinham que ir a cidade, ou na bodega (armazém) ou com estranhos tentavam falar o português. Isso foi uma forma de se privar de possíveis retaliações sofridas por outras colônias durante a guerra. Daí, a razão de a língua polonesa continuar a viver de forma “diferente”, ou seja, estruturada baseada na língua portuguesa, nessa comunidade.

É preciso, no entanto, não confundir cultura com tradição, já que uma leitura apressada das diferenças entre comunidades pode nos levar ao equívoco de considerá-las como o resultado de uma tradição cultural que se solidifica, fazendo-nos esquecer que os movimentos sociais e históricos estão intimamente ligados com os processos culturais, que os acompanham, modificando-se, resignificando-se. Reduzir cultura à tradição é negar seu caráter dinâmico, considerando como parte da cultura apenas aquilo que se sedimentou e que, muitas vezes, só é reconhecido como tal pelo estrangeiro, pelo visitante, já que para a comunidade esse signo cultural esvaziou-se de sentido. A cultura tem, portanto, uma dimensão político-histórico-social que lhe garante a

possibilidade de ser dinâmica e crítica, de propor rupturas, de produzir outros dizeres, o que também a afasta do conceito de civilização/civilidade e coloca em xeque os julgamentos sobre a inferioridade/superioridade de certas manifestações culturais.³⁹

CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Orlandi considera a linguagem como lugar de constituição dos sujeitos e dos sentidos. A autora diz que:

[...] a Análise do Discurso teoriza a interpretação no sentido forte, ou seja, ela interroga a interpretação. Considera, além disso, fundamental pensar a relação da língua e da ideologia, pois, a língua, enquanto sistema à sujeita a falhas e se inscreve na história para significar. E são os efeitos dessa inscrição que encontramos na discursividade. Daí ser o discurso o lugar próprio para compreendermos como os sentidos se produzem. Como aí joga a interpretação.⁴⁰

O corpus deste trabalho constitui-se de toda relação de efeito(s) de sentido(s) determinado(s) pela memória discursiva constitutiva do sujeito imigrante polonês que afeta(m) e determina(m) os efeitos de sentido produzidos/lidos e interpretados no/pelo sujeito morador de Socavão e/ou dos sujeitos que leem e interpretam o sujeito morador de Socavão.

Compreender como estes sentidos se produzem em cada uma das materialidades escolhidas/selecionadas é pensar nas manifestações culturais marcadamente carregadas dos sentidos produzidos pelo sujeito imigrante polonês como lugar(es) de constituição de sujeitos.

A LÍNGUA

³⁹ DE NARDI, Fabiele Stockmans. Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso). Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2007, p. 53.

⁴⁰ ORLANDI, Eni. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5 ed., Campinas, SP: Pontes Editoras, 2007, p. 149.

A partir do momento que o Brasil recebeu seus primeiros imigrantes com eles recebeu outras línguas, elas nos forneceram um novo conhecimento do mundo.

Se fizermos uma rápida leitura dos acontecimentos que marcaram a formação histórica do Brasil como Estado e como Nação, veremos que a questão da nacionalização linguística sempre esteve presente como elemento principal na tentativa de uma formação da identidade nacional. Podemos nos reportar, inicialmente, ao silenciamento da língua geral, com o documento do Marques de Pombal sobre o Diretório dos Índios de 1758 que determinava a obrigatoriedade da língua do príncipe, impondo uma política linguística, favorecendo a língua portuguesa como a língua oficial, o que legitimava o colonizador (que falava essa língua) em detrimento do colonizado (para quem a língua portuguesa era uma língua estrangeira).⁴¹

Para salientarmos a diferença de abordagem do conceito de língua na perspectiva linguística e discursiva, pode-se citar Leandro Ferreira:

Na visão do linguista, a língua – enquanto sistema só conhece sua ordem própria, o que vai impedir-lhe de considerar os deslizamentos, lapsos, mal-entendidos como parte integrante da atividade de linguagem. Já o discursivista, como se sabe, acatando a lição de Pêcheux, incorpora tais desvios “problemáticos”, como fatos estruturais incontornáveis e próprios à língua.⁴²

Ainda considerando teoricamente sobre a língua é necessário abordar Ghiraldelo:

[...] é aquela que não se aprende, mas se é banhado nela; aquela que afeta o corpo, habita o indivíduo e faz dele um ser falante, de tal forma que ele desliza, tropeça e hesita nas palavras, ocorrendo os esquecimentos, os lapsos, os atos falhos, os trocadilhos. É a língua do aconchego, aquela na qual o falante pode contar (em que ele pode se dizer alguém), à qual ele sempre pode voltar para se abrigar, para acalantar-se.⁴³

⁴¹ STROKA, Marilene Teresinha. A memória em movimento: do esquecimento à lembrança. Tese (Doutorado) Palhoça: PPGCL/UNISUL, 2013.

⁴² LEANDRO FERREIRA, M. C. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. *Linguagem e Ensino*, Universidade Católica de Pelotas, v. 2, n. 1, jan. 1999, p. 124-125b.

⁴³ GHIRALDELO, 2002, p. 64 *apud* STÜBE NETTO, Angela Derlise. *Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração*. 2008. 243 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.



Daí entende-se porque neste trabalho não pretende-se uma discussão sobre a língua materna (polonês) ou segunda língua (língua portuguesa) e sim, tocar na fronteira entre língua que habita este sujeito, língua em que este sujeito identifica-se e é identificado, língua que se traduz e traduz-se materialmente nas manifestações culturais marcadamente carregadas dos sentidos produzidos pelo sujeito imigrante polonês e a língua “sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e expressão, falado ou escrito”⁴⁴

A RELIGIOSIDADE

Desde o início da colonização do distrito, a religião, no caso católica, teve papel fundamental. A Igreja é o elemento mais destacado em toda comunidade, vista como objeto material, palpável e visível.

No distrito pesquisado, a Igreja de São Sebastião é o local em que a maioria dos moradores da localidade se reúne descendentes de poloneses ou não, para professar o catolicismo. Sobre esta construção, sabe-se que logo na chegada dos imigrantes à localidade, no ponto mais alto do povoado iniciou-se sua construção, que ao longo do tempo foi sendo remodelada, mas sua localização permaneceu. A religião trazida pelos primeiros imigrantes foi a católica apostólica ortodoxa, porem com a convivência com pessoas de outras etnias e com a aclamação do Papa João Paulo 2º (Karol Jozéf Wojtyla) polonês de nascimento, por essa relação com a terra natal houve a transformação da Igreja em católica romana, isso nos anos de 1978.

A imagem da Igreja na década de 1950 em contraponto com a imagem da Igreja atualmente, afirma o simbolismo que esta porta. Percebe-se que sua forma é de extrema importância para os poloneses. Nota-se também uma grande referência ao cerimonial religioso da missa, a forma como o coral –

⁴⁴ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1182-1183.

composto por pessoas da comunidade, maior parte descendentes de poloneses – anima e atraí as pessoas para a celebração (também com cantos poloneses).

A religiosidade do povo polonês é uma característica marcante, os centros religiosos foram sempre a defesa espiritual. Na Polônia, o mosteiro de Jasna Gora (Monte Claro), que recebeu em 1384 a pintura da Mãe Santificada e o Jesus Criança é um dos locais mais santos para os poloneses. A imagem, conhecida como Madona Preta ou Nossa Senhora de Czestochowa foi obra de São Lucas, a esta Santa, os “polacos⁴⁵” sempre recorreram como auxílio divino para resolver seus problemas. Toda quarta-feira a comunidade se reúne às três horas da tarde para uma novena dedicada a esta santa.

Acredito que o vínculo demonstrado entre religião e a polonidade representa um vínculo entre fé e patriotismo onde as conotações históricas da nação polonesa levariam a uma compreensão do que chama de fé polonesa, ou seja, a linguagem, o rito, os dias santificados existentes na terra natal e que continuam a ser respeitados.⁴⁶

Neste entendimento, é importante destacar os ritos e rituais religiosos ainda presentes no Distrito de Socavão.

A ALIMENTAÇÃO – COMIDA E PRATOS

⁴⁵ No Brasil, a expressão "polaco", do polonês polak, de pole, campo, área rural, era usada no sentido pejorativo, porém, desde fins do século XIX "polaco" vem sendo substituído por "polonês". “Em relação ao “oficioso” citado pelo professor gaúcho é necessário dizer que a tradução de “Polak” (que designa o nativo da Polônia), em todas as línguas latinas, com exceção do francês, é “polaco”. Em Portugal, e nos demais países de língua portuguesa, o único termo usado é “Polaco”. Sendo desconhecido o termo “polonês”. Foi a elite, tão ou mais ignorante que o imigrante, que passou a tratar o “Polaco” de forma ofensiva e pejorativa. “Polaco” passou a ser uma forma de chamar o imigrante de burro, de ignorante. Isso se agravou porque as comunidades de “Polacos” viviam afastadas dos centros urbanos, como Curitiba, e por serem, na maioria, lavradores acabaram convivendo pouco com outros imigrantes e até com os nativos. Por mais de 30 anos, este contato foi pouco freqüente na capital paranaense. Esta rejeição equivocada e preconceituosa dos que advogam o termo “polonês”, abre espaço para que se elucide alguns aspectos da tradução literal e adequada do idioma “Polaco” para o português [...]”. (IAROCHINSKI, 2003, p. 32)

⁴⁶ WACHOWICZ *apud* VIEIRA, Márcia Zan. Ecos da colonização polonesa. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 1998, p. 95.

Entre as manifestações culturais polonesas em Socavão, pode-se mencionar a gastronomia, dentre os pratos típicos mais consumidos nas famílias descendentes de imigrantes poloneses estão:

O principal e mais popular prato encontrado entre os descendentes de poloneses é o pierogui, um pastel de requeijão e batata, que se come cozido e coberto com nata ou molho de tomate.⁴⁷

Os povos “polacos” e seus descendentes apreciam muito a pães e broas. O chleb razowy uma broa feita de centeio ou trigo é muito comum nos cafés das famílias polonesas, assim como, o kororwaj, um pão tradicional feito em formato redondo e decorado com massa em formato de tranças, muito famoso nos casamentos poloneses, conhecido também como uma dança onde fazem uma roda e o Kororwaj é trazido pelo casal principal, em fazem um círculo envolvendo todos, é de extrema importância pois simboliza as melhores intenções para os noivos.

O *paska* está sempre presente na Páscoa juntamente com as Pesankas que são ovos pintados a mão bem coloridos recheados com amendoim e açúcar. Salame e linguiça, kubassat, lombo de porco e toucinho (salo), são muito utilizados como aperitivos em dias de festa ou como acompanhamento para o café. Podem ser preparados defumados, fritos, assados, cozidos ou servidos crus, muito famoso na região é a Cracóvia um tipo de salame defumado que recebeu esse nome pelas pessoas de fora da colônia que comeiam, como eles não conseguiam pronunciar kubassat começaram a fazer referencia com a cidade dos colonos.

As sopas, as maiorias com sabores forte são muito comuns, sendo a borchtz *uma* das mais apreciada é uma sopa de sabor azedo, à base de beterraba, repolho, com carne de porco defumadas e, de preferência, temperada com nata e servida acompanhada de pão preto de centeio ou trigo, essa é considerado o prato tradicional da família polonesa, outra sopa

⁴⁷ WACHOWICZ *apud* VIEIRA, Márcia Zan. Ecos da colonização polonesa. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 1998.



tradicional é a barszcz czerwony (consomé de beterraba). Aqui, no Brasil, é comumente chamada de sopa vermelha.

Estas sopas são tradicionalmente servidas como entrada, mas a tradicional para dias frios e gelados no Socavão é a kasp sniaki, que é feita de repolhos azedo, com batatas e muita carne de porco, levando em conta que sempre são acompanhadas de uma deliciosa broa de centeio.

Dentre as carnes, as mais tradicionais degustadas pelos imigrantes poloneses esta a carne de porco e o frango, por ser de fácil criação e como na época a região não tinha produtores de gado, essas foram as mais consumidas e colocadas em meio às receitas eslavas, dos porcos são muito utilizados nas receitas a flaki (tripa) e o golonka (joelho).

Geralmente o dia do abate desses animais todos os homens da colônia participam. Entre os molhos temos em maior consumo os de nata e suas variações (como o de requeijão com nata), e o molho feito de uma raiz forte moída, que os poloneses chamam de chrzan, popularmente conhecido como e comercializado como krin, que acompanha os almoços e jantares um tempero extra.

O pierogi - uma espécie de pastel cozido, de massa que é preparado com farinha de trigo e recheado com batata e requeijão, é a receita mais comum entre os descendentes de poloneses. Tradicionalmente, é servido acompanhado por um molho de nata ou molho de carne temperado. Existem muitas variedades de recheio deste prato típico na Polônia, como cogumelos, feijão, carne, peixe, papoula, pêssegos, trigo mourisco, entre outros, mas o mais encontrado em Socavão é a receita tradicional com batata e requeijão. Outra receita polonesa muito conhecida à base de batatas é o platzki, uma mistura de batatas, trigo e ovos fritos.

Outros pratos típicos: *bigos* é uma mistura de couve branca ou repolho azedo, com variedade de carnes defumadas, e vários temperos e ingredientes compõem essa receita: como pimenta, louro, tomates, batatas, ameixas secas, vinho, mel, cogumelos, maçãs e outros ingredientes. Outra receita famosa em os descendentes é *aluszki*: charuto feito com recheio de carne, miúdos, trigo ou

arroz e envolvido com folhas de repolho ou couve; também o kasza: mingau com quirera de trigo, aveia, milho ou arroz cozidos, consumido em diversas ocasiões.

Como sobremesas, as grandes preferências são doces feitos com ricota. A sernik é a tradicional e muito apreciada torta de requeijão, além de outras tortas, sorvetes de frutas, mousses gelados, paczki (sonho), e temos o drzdzowka (bolo de levedo) as quais são sobremesas muito apreciadas pelos poloneses. A tradicional bebida e única que se tem conhecimento é o pivô, popularmente conhecida como cerveja caseira é a grande herança dos colonizadores.

A ARQUITETURA

A arquitetura polonesa que se pode identificar no distrito mencionado é do estilo arquitetônico chamado skansen, um tipo rústico de casa, em que as vigas de madeiras são encaixadas umas nas outras, além de todas sempre com telhados altos com um sótão, e com enormes áreas em frente com lambrequins que acompanham todo o beiral, além de pintadas de cores vibrantes como verdes, laranjados e amarelos.

ANÁLISE – O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO SENTIDO E DO SUJEITO NA RELAÇÃO EM CADA UM DOS MATERIAIS TOMADOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Até aqui as enunciações encaminham a reflexão de que mesmo com o passar dos anos a cultura polonesa continua produzindo efeitos de sentido de resistência e sobrevivência, sentidos passados de geração em geração mesmo nos tempos difíceis com desafios enfrentados para se acostumar em seu novo local de moradia, sentidos que transitam na gastronomia e sobrevivem no que a formação discursiva dominante (o sujeito nativo brasileiro) chama de folclore.



“Imigrantes que veem nas festas uma lembrança, onde se afirmam valores culturais trazidos pelos ancestrais [...]”⁴⁸.

Tal resistência e sobrevivência foi possível negociando sentidos com as formações discursivas dominantes, enriquecendo e surpreendendo na arte; na arquitetura; na religião sentidos advindos do polonês: “Dessa forma, a nossa reflexão está pautada no olhar do sujeito descendente do imigrante, que traz a memória como elemento constitutivo de sua identificação e do reconhecimento com o saber da cultura [...]”⁴⁹.

Imigrantes estes em que os sentidos continuam resistindo e sobrevivendo desde as pequenas famílias que saíram de suas casas sem saber o que a esperavam e se instalaram e cresceram.

A resistência, identidade e sobrevivência dos efeitos de sentido só foram possíveis sendo revestidos do folclórico, do típico do “polaco”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa volta ao passado para visitar como foi a chegada e instalação da migração polonesa nos Campos Gerais foram possíveis enunciações e reflexões que mostraram a força dos efeitos de sentidos constituídos nas memórias discursivas de um povo que resistiu e sobreviveu através da resistência e sobrevivência dos sentidos que o constituem como polonês. “Nessa viagem fomos sustentados pela curiosidade de percorrer um caminho que nos levasse a compreender o funcionamento da memória [...]”⁵⁰.

Constatou-se o poder configurado em linguagem, em dizeres que foram trazidos mas ainda se mantêm vivos e reverberam em cada um dos “polacos” e nas famílias destes. “A construção de um estado forte como uma identidade própria passava pela imposição da língua comum assim a nacionalização do

⁴⁸ STROKA, Marilene Teresinha. A memória em movimento: do esquecimento à lembrança. Tese (Doutorado) Palhoça: PPGCL/UNISUL, 2013, p. 124.

⁴⁹ STROKA, Marilene Teresinha. A memória em movimento: do esquecimento à lembrança. Tese (Doutorado) Palhoça: PPGCL/UNISUL, 2013, p. 124.

⁵⁰ Ibid., p. 125.



imigrante era fundamental [...]”⁵¹. Neste trabalho não pretendeu-se uma discussão sobre a língua materna (polonês) ou segunda língua (língua portuguesa) e sim, tocar na fronteira entre língua que habita este sujeito, língua em que este sujeito identifica-se e é identificado, língua que se traduz e traduz-se materialmente nas manifestações culturais marcadamente carregadas dos sentidos produzidos pelo sujeito imigrante polonês e a língua.

Finalmente, quer-se externar o envolvimento que foi possível na produção deste artigo já que tais efeitos de sentido me constituem como “polaco”, nas histórias que cresci ouvindo que me foram contatadas pela minha *baba* (vó).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE NARDI, Fabiele Stockmans. **Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade: reflexões sobre o livro didático para o ensino de espanhol como língua estrangeira**. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso). Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2007.

GALLO, Solange Leda. **Como o texto se produz: Uma perspectiva discursiva**. Blumenau: Nova Letra, 2008.

_____; NECKEL, N. – Análise fílmica a partir da análise do discurso. In: MARMO, Alena Rizi e LAMAS, Nadja de Carvalho (orgs.). *Investigações sobre arte, cultura, educação e memória*. Joinville, SC: Editora Univille, 2010.

_____. Análise do Discurso: os sentidos e suas movências; Onde o autor é leitor todos os caminhos se bifurcam. In: _____ Análise do Discurso: entornos do sentido. Araraquara: FCL, UNESP, 2001.

GREGOLIN, Maria de Rosário; BARONAS, Roberto (Org.). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Paulo: Claraluz, 2001.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

⁵¹Ibid., p. 125.



FACULDADE
FESP
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



URI | FREDERICO
WESTPHALEN

IARochinski, U. Porque Polaco!. In: **Projeções**: Revista de estudos polonobrasileiros. – Ano 5, nº2 (2003). – Curitiba/PR: BRASPOL – Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa no Brasil: Congregação Sociedade de Cristo – Província Sul-Americana: Centro de Estudos Latino Americanos da Universidade de Varsóvia, 2003, p.111-124.

LEANDRO FERREIRA, M. C. **Saussure, Chomsky, Pêcheux**: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. Linguagem e Ensino, Universidade Católica de Pelotas, v. 2, n. 1, jan. 1999.

MARCONI, Marina de Andrade. Cultura e sociedade. In: LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

ORLANDI, Eni. **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed., Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4 ed., Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5 ed., Campinas, SP: Pontes Editoras, 2007.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 5 ed., Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2002.

PAYER, Maria Onice. **Memória da língua: imigração e nacionalidade**. São Paulo: Editora Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E.P. (Org.) **Gestos de leitura**. Campinas, SP: editora da Unicamp, 1997.

Prefeitura Municipal de Castro. **História da Cidade - Site Oficial de Castro**. Visitado em 20 de julho de 2015.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi [et al.]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2007.



FACULDADE
FESP
EDUCAÇÃO SUPERIOR DESDE 1937



SECAL

NOSSA MISSÃO É TRANSFORMAR PESSOAS



URI | FREDERICO
WESTPHALEN

STROKA, Marilene Teresinha. **A memória em movimento:** do esquecimento à lembrança. Tese (Doutorado) Palhoça: PPGCL/UNISUL, 2013.

STÜBE NETTO, Angela Derlise. **Tramas da subjetividade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração.** 2008. 243 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VIEIRA, Márcia Zan. **Ecos da colonização polonesa.** Ponta Grossa: Ed. UEPG, 1998.

WAACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná.** Curitiba: Ed. dos Professores, 1967.